

O discurso do lenço - por S.N. Tandon



Publicado no Boletim Internacional Vipassana de 18 de fevereiro de 2017
Excerto de aula sobre a língua páli em um curso ministrado por Satyendranath Tandon (SNT), na França, em 2007. Provocados pelo professor, os participantes respondem às questões e, a seguir, ele conta uma história.

SNT: Abordamos o assunto de Vipassana. Gostaria de saber quais são suas principais características. Suponha que você queira contar a um amigo, fale de modo que ele entenda quais são as particularidades desta técnica. Uma por uma, podem começar...

O primeiro aluno responde: 'É um curso gratuito! Sem custo algum'.

SNT: Gratuito. Mas então a outra pessoa dirá: 'Ah, deixa pra lá, se é algo tão barato nem cobram nada'.

Ele intervém: 'Não tem preço!'

SNT: Mas com relação à técnica, quais são as características de Vipassana?

Daí, o segundo aprendiz responde: 'Não há nada a fazer, somente observar o que acontece'.

SNT: Mas então outras pessoas vão dizer que também fazem o mesmo – já que nenhuma religião, nenhuma seita carece de práticas específicas. O que há de especial nesta técnica?

O terceiro: 'É uma observação sem julgamento.'

SNT: Observação sem julgamento... mas terá que explicar isso. Se não, pode ser que não saiba o que é sem julgamento. Ele vai dizer: 'Estou notando isso e aquilo, quais opções tenho? Tenho que ver isto desta forma.' Sim, você tem razão, mas você terá que...

O segundo aluno acrescenta: '... falar a respeito das sensações do corpo?'

SNT: Será que seu amigo compreenderia o que é uma sensação? Poderia ser uma pessoa comum, bastante simples.

O quarto aluno: 'É não sectária'.

SNT: Não sectária? Essa pessoa vai questionar: ‘Por que não sectária? A minha seita tem milhões de seguidores. Por que deveria sair dela?’ Então... alguém mais?
O quinto: ‘A meditação provoca mudanças imediatas e futuras nas nossas vidas’.

SNT: Mas o que esta pessoa vai pensar a respeito disso? Será que vai se sentir atraída pela técnica? Alguém mais? Você quer falar?
O sexto: ‘Observar a natureza mutável da realidade. A natureza em mutação constante da realidade’.

SNT: Sim, faz sentido.
E o mesmo aluno diz: ‘Não se apegar a nada, observar as coisas tais como são’.

SNT: Isso faz sentido, certo?
O sétimo: ‘A explicação depende do interlocutor, da capacidade de entendimento de quem escuta. Devemos elaborar a resposta partindo da percepção do outro. Se quisermos uma explicação técnica, podemos usar termos em páli como *anicca*, *anatta*, *dukkha*... Se o outro não tiver conhecimento do Dhamma de Buda, podemos dar outra explicação que corresponda a um nível mais básico de entendimento.’
SNT: O que você diz faz sentido... o que o nosso amigo disse faz muito sentido. Estou plenamente de acordo com ele, já tive esse tipo de experiência. Se quiserem, posso esclarecer sobre o que ele disse.

Em diversas ocasiões, fui convidado a falar a um público sobre Vipassana. Por exemplo, quando organizam conferências em escolas, bibliotecas públicas, templos, centros de formação e, inclusive, em prisões de segurança máxima – em vários lugares. Vou contar uma história para ilustrar a colocação do nosso amigo.

Algumas pessoas da terceira idade consideram a sua situação de moradia insatisfatória e preferem morar num lar do idoso. Suponho que aqui também haja instituições assim, certo?

Um meditador Vipassana contou-me que tinha conhecido o diretor de um desses lares. Não havia nenhum meditador Vipassana naquela comunidade. E o diretor disse: ‘Isto é algo novo, vamos abrir um espaço para que façam uma palestra. Por favor, venham no dia tal, na hora tal, para dar uma palestra’.

Eu respondi: ‘Perfeito. É uma boa ocasião, sem dúvida irei’.

Quando cheguei, estavam celebrando o aniversário da fundação da casa. Todos os membros, quase 70 pessoas entre homens, mulheres e crianças, estavam reunidos. Estavam preparando a comida para servir. Estavam tão ocupados com suas coisas que se esqueceram que eu teria uma hora para dar a palestra. Fiquei sentado ali em um canto. Não conhecia ninguém além do aluno que tinha me convidado, e ele estava um pouco sem jeito porque não estavam lembrando da palestra. Notei que ele foi encontrar o diretor: ‘Então, eu trouxe a pessoa que vai dar a palestra’.

O diretor retrucou: ‘Que posso fazer? Vieram tantas pessoas! Se estão entretidos uns com os outros e não querem escutar...’ Porém, a seguir, completou: ‘Apesar disso, vou organizar meia hora para vocês. Uma hora não, mas meia hora’.

O aluno de Vipassana perguntou, e eu disse: ‘Ótimo, meia hora será suficiente’. Mas percebi que a situação persistia. Os organizadores disseram: ‘A comida está servida. Faremos um anúncio e todos vão começar a comer. Não vai restar nem um minuto’.

O aluno foi, mais uma vez, falar com o diretor: ‘Este professor veio aqui, vocês tinham dito que ele teria uma hora para falar, depois passou para meia hora, e agora a comida está pronta e todos vão comer – o que é isso?’

O diretor disse: ‘Está certo, então, 15 minutos’.

O aluno repassou-me a mensagem, dizendo: ‘Que posso fazer? Ele ofereceu somente 15 minutos.’

Respondi: ‘Sem problemas. Quinze minutos também serão suficientes para mim’.

‘Quinze minutos?!’ – ele exclamou.

‘Isso’, e adicionei: ‘Até mesmo dez minutos seriam suficientes’. Lembrei que tudo depende do estado de espírito das pessoas. Notei que não estavam com ânimo para escutar uma palestra sobre Vipassana. Se a mente está livre de distrações, então Vipassana pode fazer *click*. Estava claro que a atenção das pessoas estava voltada para a mesa em que a comida seria servida. Estavam esperando por isso. Havia também crianças entre 10 e 15 anos. Homens, mulheres, todos em outro estado de espírito. Quem escutaria Vipassana? E agora, só teria 15 minutos. O diretor anunciou: ‘Convidamos alguém para falar a respeito de uma meditação que se chama Vipassana. Por 15 minutos, peço-lhes que prestem atenção’.

O que fiz? Sempre tenho um lenço no bolso. Às vezes, se faz necessário. E nesta ocasião também tinha o meu lenço. Então, sentando-me para começar, peguei o meu lenço e indaguei: ‘Sabem o que é isso?’

Todo mundo se perguntava: ‘Que tipo de meditação é essa?’

Mas logo algumas pessoas disseram: ‘Sim, é um lenço, um lenço!’

Então prossegui: ‘Muito bem. Alguém poderia me dizer para que usamos um lenço? Como é usado?’

Um assunto muito interessante! Alguém comentou: ‘É para limpar a sujeira do rosto’.

‘Perfeito’ – respondi. E acrescentei: ‘É usado para limpar a sujeira do rosto. Alguém mais?’

Outro adicionou: ‘Se vertemos lágrimas, podemos usá-lo para secá-las’.

‘Muito bem’ – respondi. ‘Usamos para secar as lágrimas. Alguém mais?’
Estávamos em Délhi, era o mês de junho e fazia um calor escaldante.

Então alguém disse: ‘Quando faz muito calor, cobrimos a cabeça para nos protegermos’.

‘Ótimo’. Eu disse: ‘E o que mais?’

E essa pessoa adicionou: ‘Usamos para limpar o nariz quando escorre’.

‘E o que mais?’ Agora, as ideias começavam a surgir de todos os lados.

Alguém disse: ‘Se machucar um dedo, poderia usá-lo para amarrar bem forte’.

E ainda outra pessoa: ‘Vamos supor que haja um cruzamento de uma estrada com uma via férrea e que note um possível acidente entre um trem e um carro. Se quiser deter o trem, poderia tingir o lenço de vermelho e acenar com ele.’

Estavam se tornando bastante criativos!

Alguém disse também: ‘Suponhamos que uma torneira esteja funcionando, mas que a água esteja suja. Poderíamos usar o lenço para filtrar a água.’ E prosseguiu: ‘Ou suponhamos que esteja saindo para passear em um jardim ou qualquer outro lugar que esteja bastante sujo. Poderia usar o lenço para limpar um banco antes de sentar’.

E mais um adicionou: ‘Suponhamos que você queira fazer um truque de mágica. Pode esconder uma moeda no lenço e fazê-la aparecer do nada.’ E continuou: ‘Suponhamos que a gente peça para uma mulher dançar para um público e ela aceite. Primeiro vai segurar o lenço e depois vai dançar.’

Falaram tantas coisas. Eu sabia que já tinham esquecido a comida e qualquer outra coisa. Então eu disse: ‘Bom, vocês mencionaram tantas possibilidades sobre como usar o lenço. Agora, vejam o que estou fazendo.’ Dei alguns nós no lenço e perguntei: ‘O que é isso?’

‘Um lenço!’

Perguntei: ‘E agora, posso fazer com o lenço alguma das coisas que citamos anteriormente?’

‘Não, não. Não é possível, não mesmo.’

Desfiz os nós e perguntei: ‘E agora, seria possível?’

‘Ah, sim, agora tudo é possível!’

Prosegui: ‘Cada um tem uma mente, certo? Quando está aberta, livre, você pode fazer qualquer coisa – do mesmo modo que você pode fazer muita coisa com um lenço aberto. Mas se alguém diz que você é um tolo ou o insulta de algum jeito, forma-se um nó na sua mente. Quando isso acontece, você ainda consegue usar a mente livremente? Não, toda a atenção fica concentrada na pergunta – por que me chamou de bobo? Tornamo-nos tão inúteis como um lenço cheio de nós’.

Então, eu disse: ‘Há uma técnica de meditação chamada Vipassana. Sempre que a nossa mente fica cheia de nós, esta técnica pode ser usada para desatá-los, assim como demonstrado com o lenço’.

Disseram: ‘Que maravilha, onde podemos aprender isso?’

E tudo isso em 15 minutos!

Assim como o nosso amigo disse, exatamente assim, recordo-me deste ocorrido. Foi assim.

Quando quiser destacar para alguém as principais características de Vipassana, são estas cinco:

Primeiro: é universal. Qualquer pessoa de qualquer país, casta, crença, cor ou seita pode praticá-la. Não há absolutamente nenhuma exceção.

Em segundo lugar, ataca a raiz. Elimina o pus da ferida. Não se trata somente de colocar um bálsamo na ferida, proporcionando um alívio temporário. Ataca a raiz e elimina a ira, a paixão ou outras impurezas.

Em terceiro, não deixa espaço para imaginação, para verbalização ou para visualização.

Assim, é “individual”. Você tem que percorrer o caminho por si só. Não há ninguém que intervenha, nenhum intermediário, nenhum guru ou sacerdote que faça o trabalho por você. Você tem que fazer tudo sozinho. Tem que percorrer o caminho você mesmo.

E, por fim, os benefícios são obtidos aqui e agora. Se, em algum momento, sinto-me aborrecido, começo a observar a minha respiração. Em alguns poucos minutos ou menos, noto que a raiva começa a diminuir e a desaparecer.

Assim, se explicarmos às pessoas as principais características de Vipassana, que é totalmente diferente do que praticaram no passado, certamente vão querer aprendê-la. E você terá feito uma grande contribuição para a disseminação do Dhamma.